

O Rádio Como Mediador de Cidadania na Escola Paulo Freire¹

Marina FORTES Barin²

Laura BOESSIO³

Liliane Dutra BRIGNOL⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

O projeto “O rádio como mediador de cidadania na Escola Paulo Freire” teve como objetivo desenvolver uma oficina de rádio na Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, em Santa Maria-RS. A escolha da escola se deu pela sua principal diferenciação em relação a outras instituições de ensino fundamental tradicional: receber crianças com histórico de vulnerabilidade e risco social e pessoal. Dessa forma, o projeto atuou através dos conceitos da educomunicação e de cidadania, principalmente com o conceito de cidadania comunicativa de Mata (2006). Esses dois eixos guiaram o trabalho e foram fundamentais para incentivar um contato das crianças do ensino fundamental com meios de comunicação, especialmente o rádio, e aprofundar reflexões críticas sobre os seus direitos e o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania; Educomunicação; Cidadania comunicativa; Rádio Escola;

INTRODUÇÃO

Durante a disciplina Comunicação e Cidadania, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, foi proposta a realização de um projeto social que envolvesse o tema cidadania. Por conta disso, procuramos uma forma de executar essa ação e encontramos a Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire, localizada no bairro Passo d’Areia, Região Oeste de Santa Maria-RS. A escola tinha um diferencial às outras instituições: recebia crianças de meios desfavorecidos, com múltiplas repetências, abandono dos estudos, exclusão e em situação de risco pessoal.

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, email: marifortesb@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, email: lauralisboessio@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, email: lilianebrignol@gmail.com

Antigamente, a escola era conhecida por ser uma “escola aberta”, justamente por receber alunos com dificuldades de inclusão no sistema de educação formal e, que, muitas vezes não conseguiam acompanhar um ensino contínuo. O nome é uma homenagem ao educador Paulo Freire, cuja pedagogia fundamenta o Projeto Político Pedagógico da Escola, que surgiu a partir de um ideal político-pedagógico que reconhece a diversidade e busca formas de acolhimento através de uma proposta pedagógica alternativa e inclusiva.

Este projeto teve por objetivo desenvolver com os alunos do Ensino Fundamental da Escola Paulo Freire os princípios da comunicação, principalmente através do rádio, para fomentar o exercício da cidadania e ajudar na inclusão de crianças que sofrem com a exclusão social. Levamos aos jovens o entendimento de como se produzem programas de rádio e também como funciona o processo de produção do mesmo. Utilizamos os princípios básicos da cidadania, mídias comunitárias, da educomunicação e da rádio escola para realizar o projeto.

Para tanto, atuamos com base nos pressupostos da educomunicação, por meio da qual buscamos estabelecer uma interação com os estudantes e produzir, juntamente com eles, programas de rádio. O projeto precisou se adaptar à realidade da escola, já que esta não possuía equipamentos ou estrutura para a criação de uma rádio escola. O ponto chave deste projeto foi que, por ser uma escola que acolhe alunos em situação de risco pessoal, muitas vezes ela é vista pelo viés da potencial marginalidade de seus alunos. Por meio deste projeto, visamos trabalhar com estes alunos, que por muitas entidades são ignorados, os fundamentos da rádio escola dentro do contexto possível e a partir das nossas experiências.

Para a realização do projeto, realizamos encontros semanais, durante dois meses, no período de maio a julho de 2015. Por se tratar de uma escola aberta, na qual os alunos não tinham uma frequência constante, enfrentamos dificuldades para realizar as oficinas de rádio escola. Além disso, tivemos que readaptar nossos planejamentos, como por exemplo, um encontro para explicar teoricamente o que era o rádio. Este, não deu certo por uma série de fatores. Desse modo, modificamos nossa metodologia e iniciamos a parte prática, por meio da qual trouxemos reflexões teóricas sobre o rádio e seus modos de produção. Assim, passamos a encontrar temas do cotidiano das crianças, o que eles estudavam na escola ou sugeriam, para produzir materiais. O resultado foram cinco programas da “Rádio Paulo Freire”, nome escolhido pelos alunos.

Para fundamentar o trabalho, partimos então dos conceitos de cidadania, ao abordar os direitos humanos, a comunicação pública e cidadã e também a mídia comunitária. Depois,

fazemos um panorama sobre a educomunicação, que guiou esse projeto de cidadania; e por último, contamos os resultados, um pouco sobre as crianças que participaram da oficina e as nossas conclusões a partir do projeto.

CIDADANIA E COMUNICAÇÃO

Quando falamos em direitos, pensamos em seus diversos tipos: o direito à liberdade, à vida, à moradia, à educação, à saúde. Mas, muitas vezes esquecemos que, dentre os muitos direitos civis, políticos e sociais, temos o direito à informação. Ou seja, os cidadãos têm o direito de serem informados, de saberem o que se passa no mundo, sem que a informação e comunicação sejam entendidas apenas como uma mercadoria.

Porém, a sociedade na qual vivemos não apresenta a comunicação e o acesso aos meios de comunicação como um direito de todo cidadão. No Brasil, a comunicação pública deveria ser responsável por fazer essa mediação e criar novas possibilidades com uma comunicação democratizada. Duarte (2006, p.60) conceitua a comunicação pública no Brasil, ao dizer que estaria próxima de ser caracterizada como “um etos, uma postura de perceber e utilizar a comunicação como instrumento de interesse coletivo para fortalecimento da cidadania”.

Além disso, Duarte (2006) afirma que praticar comunicação pública implica em satisfazer os interesses públicos e privilegiar os desejos coletivos sobre os particulares, abordagem que uma empresa privada não se deteria. Uma característica criticada dessa teoria é a sua visão utópica, porém, nada impede que o Brasil possa melhorar sua comunicação pública e ressaltar o direito à informação. Este último “é particularmente relevante, porque é um meio para acesso e uso dos outros direitos referentes à cidadania. Informação é a base primária do conhecimento, da interpretação, do diálogo, da decisão” (DUARTE, p. 62).

Chegamos então, ao conceito de cidadania comunicativa, abordado por Mata (2006) bem como o de mídias comunitárias, abordado por Cogo (2005) e Peruzzo (2008). Os dois conceitos dialogam, porque a cidadania comunicativa é caracterizada “como reconhecimento da capacidade de ser um sujeito de direito e da demanda no campo da comunicação pública e o exercício desse direito” (MATA, 2006, p. 13, tradução nossa). Já as mídias comunitárias, abordam, segundo Cogo, projetos de populações locais, como bairros ou escolas, que são geridas pelos próprios moradores e estudantes.

A cidadania comunicativa surge a partir de uma necessidade, de que os sujeitos que vivem no mundo, se reconheçam como cidadãos que possuem direitos. Isso é muito

importante, principalmente em comunidades da periferia, que, na maior parte das vezes não têm acesso à informação. A escola Paulo Freire, de Santa Maria-RS, com a qual trabalhamos, possuía alunos de diferentes faixas etárias que tinham diferentes níveis de formação. Era complicado, para eles, compreender o que eram seus direitos e até mesmo entender que os tinham.

Pela convivência com os jovens, percebemos a magnitude da importância de uma cidadania comunicativa. Porque, além do reconhecimento do sujeito, essa teoria também trata de uma noção complexa que mostra o poder da mídia em sociedades mediadas pela comunicação. “A noção de cidadania comunicativa refere-se a direitos necessariamente civil - a liberdade de expressão, o direito à informação, a possibilidade de exigir a publicação de assuntos de interesse público” (MATA, 2006, p. 13, tradução nossa).

Além disso, Mata (2006) diz que a cidadania comunicativa envolve o desenvolvimento de práticas que garantam o direito à comunicação.

Nesse sentido, a noção excede a dimensão legal e refere-se à consciência prática e à possibilidade de ação. [...] A cidadania comunicativa está interligada com as referências de identidade e as reivindicações mais amplas da igualdade, não apenas em relação ao Estado, mas em relação à ação do mercado e todos os tipos de dispositivos que promovam desigualdade (MATA, 2006, p. 13, tradução nossa).

Uma das formas de exercer a cidadania comunicativa é por meio das mídias comunitárias, também chamadas de populares, alternativas e locais. Esse tipo de comunicação é caracterizado por ser popular, feita pelo povo e para o povo. Além disso, é um processo que surge a partir da ação desse público. Peruzzo (2008, p.2) acrescenta “comunicação popular foi também denominada alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos”.

Em síntese, a comunicação popular, alternativa e comunitária é expressão das lutas populares por melhores condições de vida, a partir dos movimentos populares, e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa (PERUZZO, 2008, p.4).

Para Cogo (2005), a mídia comunitária é uma forma de atuação popular que pode desempenhar um papel fundamental nos processos de cidadania. É relevante ressaltar que nem toda comunicação que é comunitária, obrigatoriamente vai ser democrática. Para explicar melhor, Cogo utiliza quatro perspectivas de comunicação popular de Peruzzo: a primeira é relacionada às diferenciações das experiências midiáticas e da comunicação comunitária. A segunda diz respeito à incorporação de pautas que se baseiam na demanda dos movimentos sociais. A terceira aborda a questão das políticas públicas e como são feitas estratégias pela comunicação comunitária para abordar elas. E, por fim, a última perspectiva segue a linha de que a comunicação popular, no seu trabalho com as mídias comunitárias, torna-se um processo informacional, mas também um processo de caráter pedagógico e político.

Da interação entre essas quatro perspectivas, observamos a reafirmação e/ou emergência das seguintes instâncias de exercício da cidadania que concorrem, de forma mais ou menos articulada, nos projetos e práticas de comunicação comunitária na contemporaneidade: as cidadanias sociopolítica, cultural e mundial (COGO, 2005, p.4).

A quarta perspectiva proposta por Peruzzo, também nos faz refletir: como colocar em prática esse processo de uma forma pedagógica e política? Principalmente na hora de realizar as oficinas de Rádio Escola, como explicar e fazer os estudantes entenderem o que é uma comunicação popular? A educomunicação nos traz as respostas para essa questão, ao abordar uma comunicação para a cidadania, que visa uma via de mão dupla entre educador e estudante, onde um aprende com o outro numa relação horizontal.

EDUCOMUNICAÇÃO

A educomunicação possui diversas correntes teóricas, que reforçam a sua importância para o modelo tradicional de ensino. A maior parte das escolas ensina seus alunos as ciências humanas, exatas e biológicas, mas peca muito na questão de formar um cidadão consciente e conhecedor do mundo em que vive. Para Donizete Soares (2006, p. 1), a educomunicação contribuiria para reverter essa situação, sendo assim “um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da Educação Escolar quanto da Comunicação Social”. Isso quer dizer que, além da educação tradicional, a comunicação social também precisa ser compreendida de outra forma pelos estudantes. Como relata Ismar Soares (2000), a história demonstra que os dois campos têm diferentes funções e são vistos como temas sem ligação um com o outro.

[A Educação e a Comunicação] tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente neutros, cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade (SOARES, I., 2000, p. 13).

É importante compreender as relações entre os dois campos, porque há uma crítica a forma como o ensino tradicional faz a mediação entre os meios de comunicação e os alunos. Donizete Soares (2006) problematiza como a mediação citada é feita pela escola, dizendo que o objetivo da educomunicação é investigar as inter-relações entre os saberes. Já que ter contato com jornais, revistas, rádio e televisão deveria ser tão explorado como as disciplinas das ciências exatas, humanas e biológicas ensinadas nas escolas.

Soares explica que a Modernidade utilizou a educação como uma forma de controle da opinião pública, que atua junto com os meios para perpetuar ideologias. Com o desenvolvimento da tecnologia, principalmente com a chegada da internet, ocorreu uma revolução nos meios de comunicação, que afetou não apenas estes, mas também o modo de ensino das escolas. Porém, enquanto a comunicação avançou em diversas frentes, a educação não seguiu os mesmos moldes. Hoje, podemos observar jornais impressos e revistas sendo substituídos pelos digitais e rádios ouvidas pela internet.

A escola, por outro lado, segue, na maioria das vezes, o mesmo padrão desde sempre: livros, ideias fechadas e apropriação dos discursos da mídia hegemônica, sem dar espaço a meios alternativos. Não seria exatamente isso que a escola deveria evitar? Por vezes, não percebemos como a mídia pode manipular seus discursos, e por consequência, nosso entendimento e compreensão de mundo. A educomunicação nos permite rever o conceito de ensino, através de uma metodologia muito interessante, que se baseia num eixo horizontal. O professor e o aluno se colocam no mesmo nível de aprendizado, um aprende com o outro, com rodas de discussão e diálogo. É importante que os alunos compreendam que a comunicação é um direito humano, tal como a liberdade, já que isso é esquecido por muitos e mais ainda por empresas de comunicação.

Esse campo surge num momento muito oportuno e nos faz refletir sobre o modelo tradicional de ensino. Como relata Ismar Soares (2000, p.21), “encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de inter-relação comunicação/educação”, ou seja, de educomunicação.

A educomunicação encontra uma forma cruzar saberes e desconstruir o espaço antigo e antiquado das escolas tradicionais. O conceito não destaca a Comunicação ou a Educação, mas sim a ação como o elemento principal da junção dos dois campos:

Um campo de ação política, entendida como o lugar de encontro e debate da diversidade de posturas, das diferenças e semelhanças, das aproximações e distanciamentos. Por excelência, uma área de *transdiscursividade* e, por isso, multidisciplinar e pluricultural. (DONISETE SOARES, 2006, p. 4).

Para complementar, Soares (2000, p. 22), explicita que “a interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção”. Por conta disso, a educomunicação conseguiu nos fornecer aporte teórico e metodológico suficiente para conseguirmos realizar as oficinas de rádio e transmitir informações sobre meios de comunicação para os jovens. “É o processo, rico em detalhes, cheio de incongruências, ao mesmo tempo compreensível e difícil de entender, atraente, fascinante e pleno em problemas de toda ordem... É o processo certamente denso que vale a pena ser vivido e registrado” (SOARES, D., 2011, p.5).

Porém, é importante ressaltar que, segundo a autora, produzir peças de comunicação não significa *fazer educomunicação*. Se um educador desenvolver um trabalho baseado em apenas reproduzir a mídia hegemônica e pensamentos consensuais, não estará utilizando o preceito básico da educomunicação, de ser transdisciplinar. Como dito antes, ela tem que ser um processo rico em detalhes e fascinante para os estudantes. Também é preciso explicitar que a temática da cidadania se torna muito importante.

A escola Paulo Freire, local onde desenvolvemos o projeto, ainda conta com preceitos da educação popular e da cidadania no seu projeto pedagógico. A educação popular se encaixa com a educomunicação e com o uso da rádio escola para difundir os seus conceitos. Isso porque, a educação popular prevê a educação com base na cidadania e também na inclusão. O conceito de educação popular ficou muito conhecido por causa do educador Paulo Freire:

Paulo Freire aparece como principal idealizador de uma educação que proporcionasse a conscientização do analfabeto, da libertação “do oprimido que hospeda o opressor” por meio do movimento de cultura popular (MACIEL, 2011, p. 333).

É mais fácil compreender a educação popular quando se fala das especificidades da mesma. O conceito de educação vai além da sala de aula e surge a partir de diversas experiências pelas quais o aluno passa durante sua vida escolar. Em uma entrevista à

educadora Rosa Maria Torres no ano de 1985, Paulo Freire disse: “porque a educação popular, na minha opinião, não se confunde, nem se restringe apenas aos adultos. Eu diria que o que marca, o que define a educação popular não é a idade dos educandos, mas a opção política, a prática política entendida e assumida na prática educativa”.

A educação popular engloba diversos temas, como os conceitos de cidadania, questão de gênero, questões políticas, questões ambientais, etc. Dessa forma, ao utilizarmos a educomunicação para o exercício da cidadania e para criar programas de rádio escola, trabalhamos de acordo com os preceitos do educador Paulo Freire. Além disso, mantivemos um diálogo aberto entre nós e os alunos e abordamos temas como os citados acima, relacionados com política e cidadania: como o culto ao belo e o dia mundial do meio ambiente.

RÁDIO E RÁDIO ESCOLA

O rádio, desde seu surgimento, sempre esteve relacionado à educação e a proporcionar cultura e informação à população. Por ser um meio de comunicação de muita relevância, ele também pode ser usado como um instrumento para desenvolver a Rádio Escola. De acordo com Peruzzo (2011, p. 4), “o rádio surge com a audácia de ser canal livre de comunicação. Contudo, com o passar o tempo, essa característica foi cedendo o lugar para a primazia dos interesses de mercado sobre a programação”.

O caráter cultural e educativo passa a dar lugar ao lazer, ao entretenimento e ao fator econômico. Apesar disso, em 1967, o decreto-lei 236⁵, permitiu que rádios e televisões educativas estabelecessem o Serviço de Radiodifusão Sonora. A partir daí, surgiu uma nova categoria de rádio educativo, o rádio educativo-cultural. E após, surge uma quarta categoria, a rádio escola:

Funciona como instrumento didático-pedagógico ou meramente recreativo no recinto de instituições de ensino, principalmente no ensino fundamental e médio. Por vezes, estabelecem vínculos com as comunidades locais e assumem funções de rádio comunitária (PERUZZO, 2011, p. 8)

Uma rádio escola pode ser desenvolvida de várias formas e ela é diferente das rádios convencionais. Na maioria das vezes, ela não é transmitida em algum canal radiofônico, mas sim dentro da própria escola, por meio de alto falantes. Nesse projeto, nós realizamos isso. Pela falta de recursos e de equipamentos, realizamos a rádio escola a partir de gravações por

⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0236.htm. Acesso: 19 de abril de 2016.

celulares e depois transmitimos os programas numa caixa de som. Porém, o objetivo da rádio escola não é o de fazer a radiodifusão de fato.

A rádio escola é uma forma de educação que foge do sistema tradicional, pois utiliza teorias da educomunicação para acrescentar conhecimento à formação das crianças e adolescentes. Isso por que: “Os meios de comunicação são bens públicos, representando uma conquista da humanidade enquanto instrumentos capazes de democratizar de forma ágil: informação, cultura e conhecimento” (SOARES, D., 2011, p. 2).

OS PARTICIPANTES DAS OFICINAS DE RÁDIO ESCOLA

O projeto “O rádio como mediador de cidadania na Escola Paulo Freire” ocorreu durante os meses de maio e junho de 2015. No total, foram sete encontros com os alunos da escola. O projeto não se desenvolveu exatamente como esperávamos, por se tratar de uma escola aberta, que é diferente das escolas de ensino tradicional, e ainda mais por não ter equipamentos necessários para o seu desenvolvimento. Como os alunos vivem uma realidade muito difícil, em algumas semanas tivemos cinco participantes, em outras três e em outra apenas dois. Não houve uma continuidade entre os participantes, mas mesmo assim conseguimos mudar o planejamento inicial e desenvolver o projeto.

Nós convivemos com oito alunos⁶ da Escola Paulo Freire. Vale ressaltar que a escola trabalha com etapas, ao invés de séries. Cada etapa representa duas séries do ensino fundamental tradicional. Participaram das nossas oficinas de rádio escola, José (12 anos), da primeira etapa. Ele não sabia ler e, por isso, não foi mais às oficinas, apesar de ter participado dando uma entrevista em um dos programas. Também participaram crianças da segunda etapa: Luiz (10 anos), que participou de todos os programas; Welson (15 anos) teve um problema dentro da escola e ficou sem comparecer à oficina por uma semana; Daniel (15 anos), foi apenas uma vez mas participou devidamente e Leandro (13 anos), que apenas foi à oficina, mas não desenvolveu nenhuma atividade.

Além desses, trabalhamos com alunos da terceira etapa: Paola (15 anos), ela era bem tímida, mas desenvolveu muito bem durante as semanas e apresentou dois programas; Lúcio (15 anos), era o mais participativo e solícito entre todos os alunos, prestava bastante atenção e gostava de fazer a rádio escola, ele parou de ir nas duas últimas semanas por conta de

⁶ Utilizamos aqui, pseudônimos para relatar sobre os participantes do nosso projeto, de forma que suas identidades não fossem comprometidas.

problemas pessoais, e Antônio (15 anos) que foi algumas vezes, cantou uma música em um dos programas e se mostrou participativo quando pedíamos.

AS OFICINAS DE RÁDIO ESCOLA

Inicialmente, havíamos programado que realizaríamos o projeto em três etapas: a primeira seria para conhecer os alunos, ter um contato inicial com os mesmos e conhecer o perfil de cada um para podermos programar as oficinas de rádio; a segunda seria para fomentar o interesse dos alunos pelo rádio: apresentar os diferentes formatos e linguagens de programas radiofônicos, utilizar recursos como apresentação de slides para desenvolver a oficina e contar a história do rádio, tal como chamar atenção das crianças e desenvolver atividades práticas como realização de entrevistas, simulação de um programa de rádio e boletim voltadas ao tema da cidadania. Por último, pensamos em realizar oficinas de edição de áudio.

A primeira etapa, por mais simples que pareça, foi a mais complicada. Os alunos da Escola Paulo Freire, por terem histórico de exclusão social e estarem em situação de risco pessoal, nos pareceram muito tímidos. Nós tentamos conversar com os alunos para descobrir do que eles gostavam, o que eles queriam aprender com a oficina, qual era o interesse deles pelo rádio. Mas tudo foi muito difícil, porque quase não nos respondiam. Porém, esse primeiro encontro nos fez perceber que teríamos que ser persistentes e levar sugestões de dinâmicas mais dirigidas para realizar com eles.

A segunda etapa também foi difícil, mas funcionou como esperávamos. Conseguimos apresentar os tipos de programa para os alunos da escola, mas levamos as explicações em slides e quando chegamos na metade da apresentação, a atenção das crianças já havia dispersado. Por isso, decidimos simular um programa e isso deu certo. Construimos notícias no quadro, com a ajuda de cada aluno, sobre o evento “Arte e cultura na escola” que havia ocorrido no final de semana anterior à oficina. Os alunos participaram e ficaram empolgados. Foi nesse momento que percebemos que a parte prática seria a melhor forma para trabalhar com os alunos da Escola Paulo Freire.

A terceira parte, que seriam oficinas de edição de áudio, foi descartada. Porque as crianças que participaram das oficinas não tinham paciência nem para redigir um texto no computador ou pesquisar um tema. Além disso, são alunos de 10 a 15 anos e que vivem situações distintas do modelo padrão e saudável de crianças das suas idades, por viverem em meios menos favorecidos.

Após conhecermos cada criança, entendemos como trabalhar com elas para que a oficina desse certo. Foram seis encontros e cinco programas produzidos. As pautas foram relacionadas aos assuntos que os alunos estudavam na escola durante a semana e isso tornou a oficina mais produtiva, tanto para nós, quanto para eles.

Para realizarmos as oficinas, tivemos que utilizar materiais pessoais, pois a escola não possuía infraestrutura adequada para a realização de uma oficina de rádio. O dispositivo que escolhemos utilizar foi o aparelho celular, que substitui o gravador e o microfone, aparelhos estes normalmente utilizados no rádio. Para o desenvolvimento do projeto, decidimos pela parte prática, visto que as crianças se dispersam mais com a teoria. Deixamos de lado qualquer problematização maior acerca das teorias de radiojornalismo, como a diferenciação de uma reportagem para uma entrevista, do repórter para o apresentador e do editor para o produtor, mas as crianças puderam perceber estas diferenças através da parte prática durante os sete encontros realizados.

A parte de edição dos áudios foi realizada por nós. Como dito anteriormente, a escola não possuía infraestrutura adequada para este tipo de atividade; dos poucos computadores que existem na escola, nenhum deles possuía programa de edição e muito menos suportavam a capacidade desse tipo de aplicativo.

As oficinas foram acontecendo e a cada encontro melhorávamos a forma como o programa “Notícias Paulo Freire” era feito. No começo, não tínhamos um *script* ou roteiro para seguir, desse modo, nós autoras apresentávamos e escolhíamos as pautas. Ao longo das semanas, como relatado abaixo, modificamos a produção do programa. Um *script* foi criado e as crianças começaram, desde então, a fazer a apresentação do programa. As mesmas pesquisavam na internet ou em livros as pautas e cada um escolhia um tema. Depois, redigiam um texto e as gravações eram feitas com o celular. Tudo sob auxílio das autoras, que também realizavam as edições de áudios. O conteúdo, produzido e editado, era apresentado aos estudantes na semana seguinte, por meio de uma caixa de som.

No primeiro contato, que aconteceu no dia 08 de maio de 2015, não tínhamos nenhum material pronto para trabalhar com as crianças. A ideia era que eles escolhessem de que forma a oficina seria realizada, tendo a liberdade para escolher desde o nome, o formato do programa e os temas a serem trabalhados em cada um deles.

No segundo encontro, dia 22 de maio de 2015, levamos uma apresentação que contava a história do rádio e mostrava alguns tipos de programas radiofônicos. Além dos slides, levamos também arquivos de áudio com exemplos de programas que julgamos conhecidos

na cidade, como o Correspondente Ipiranga, da Rádio Gaúcha, e o Pretinho Básico, da Rádio Atlântida, e também outros dois programas produzidos por alunos do curso de Comunicação Social da UFSM, o Jukebox e o Radar Esportivo, ambos da rádio Universidade da UFSM. Os alunos começaram a dispersar a atenção, e para atraí-los de volta decidimos construir um programa, baseado em uma atividade que a escola teve no final de semana, chamada “Arte e Cultura na Escola”. A maioria deles participou, os mais tímidos acabaram sendo inibidos pelos alunos mais espontâneos.

O terceiro encontro, dia 29 de maio de 2015, serviu como divisor de águas: levamos o programa editado para que eles ouvissem, e neste momento, pudemos perceber quem se impressionou com o resultado e, conseqüentemente, seguiria fazendo parte da oficina. Trabalhamos um segundo tema, o “Dia Mundial do Meio Ambiente”, que é comemorado no dia 5 de junho, e os alunos nos ajudaram pensando em pautas, na estrutura de programação, reportagens, mesmo que não tivessem consciência de todas essas nomenclaturas.

Em decorrência do feriado de 4 de junho, nosso quarto encontro foi adiado para 12 de junho de 2015, o “Dia dos Namorados”, tema desta edição do programa. A aluna Paola, empolgada com o assunto, sugeriu várias pautas e a música que poderia ser usada no intervalo do programa. Pela primeira vez, um aluno, Lúcio, foi o apresentador do programa, por isso, nós não participamos dessa edição, foram apenas os alunos da escola.

No programa do dia 19 de junho de 2015, o tema foi “O Culto ao Belo”, assunto que os alunos estavam aprendendo durante a semana. A aluna Paola, que antes não se sentia à vontade em gravar as reportagens, neste programa não só sugeriu pautas, como também apresentou o programa. O programa foi mais curto, porque nesse dia dois alunos que participavam ativamente da oficina não foram à escola.

No nosso último encontro, que aconteceu no dia 26 de junho de 2015, tínhamos apenas três alunos na oficina, porém um deles foi convidado a se retirar da sala de aula por mau comportamento, antes de concluir sua parte no trabalho. Mesmo com poucos alunos presentes, foi interessante observa-los discutindo qual seria o tema do programa, a discussão era ser sobre a Copa América ou sobre Festa Junina. Ficou decidido, então, abordar o tema da Festa Junina. A aluna Paola apresentou o programa novamente.

Durante o período em que estivemos na escola, não era fixo o grupo que participava da oficina. Alguns alunos trocavam de oficina, outros saíram da escola, outros chegaram. Não tivemos a oportunidade de fazer um processo linear de desenvolvimento do projeto, posto que cada aluno estava em um nível diferente e participava irregularmente. Cada um dos

alunos que participaram da oficina evoluiu de um jeito diferente, seja na leitura, na desenvoltura em frente ao gravador, na redação de um texto e, acreditamos que, mais ainda, no que concerne sua informação sobre ser cidadão.

CONCLUSÃO

Como já mencionado, este projeto teve como metodologia os conceitos da educomunicação para promover o exercício à cidadania. A educomunicação tem como objetivo unir a educação tradicional aos meios de comunicação, para fomentar um pensamento crítico nos alunos. É através deste método que é possível informar sobre notícias e trazer temas relevantes para o cotidiano das crianças e formar, além de alunos que estudam matemática e português, cidadãos que utilizam a comunicação para compreender o mundo.

Apesar da oficina não ter acontecido exatamente como gostaríamos, devido a diversos fatores sociais e estruturais, esta foi extremamente produtiva. Acreditamos que nós aprendemos muito com cada um dos alunos, com o fato de lidarmos com uma realidade muito diferente da nossa e também como um objeto tão pequeno para nós, como um fone de ouvido, pode parecer de grande importância para eles.

Deste modo, a oficina de rádio escola realizada a partir do projeto “O rádio como mediador de cidadania na escola Paulo Freire” foi um exercício de cidadania, para nós, que acrescentamos muito as nossas formações pessoais, além de ter criado um laço com os alunos da escola. Foi notável o crescimento dos participantes, principalmente ao percebemos que a cidadania comunicativa, abordada por Mata (2006), se fez muito presente nesse processo. Isso porque, ao sugerir pautas e a querer participar cada vez mais ativamente, com discussões de temas, as crianças se reconheceram como cidadãs e viram que poderiam ter um papel mais ativo na sociedade, mesmo que fosse apenas dentro de sua escola.

Além disso, é importante ressaltar que a reflexão dos participantes dos temas cotidianos nos fez perceber que mesmo dentro de uma escola, um meio de comunicação, pôde trazer a eles reflexões sobre o seu papel e sobre a sua cidadania. A educomunicação também foi fundamental para que tivéssemos oficinas horizontais, com uma via de mão dupla, ou seja, para que aprendêssemos tanto com eles, quanto eles conosco. Apesar de termos os resultados materiais, os cinco programas com os temas: “Arte e Cultura na Escola”, “Dia Mundial do Meio Ambiente”, “Culto ao Belo”, “Dia dos Namorados” e “Festa Junina”, podemos afirmar que a maior conquista dos alunos foi o poder de reflexão sobre esses temas e a possibilidade de conseguir compreender o papel dos meios de comunicação para a sociedade.

Ao utilizar o rádio, a educomunicação, a comunicação cidadã e a cidadania, podemos constatar que o trabalho realizado teve que sofrer algumas adaptações ao longo de sua aplicação. Contudo, o projeto provou que mesmo alunos em situação de risco pessoal e muitas vezes sem acesso aos meios de comunicação, podem vir a descobrir, a partir de projetos como esse, o papel da mídia como instrumento fomentador dos direitos cidadãos.

REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson, Adair. **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

COGO, Denise. **Mídias comunitárias: outros cenários e cidadanias.** São Leopoldo, 2005. Disponível em: <http://direitos.org.br/midias-comunitarias-outros-cenarios-e-cidadanias/>. Acesso em 16 de abril de 2016.

DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação Pública: Estado, mercado sociedade e interesse público.** São Paulo: Atlas, 2009. p. 59-71.

GADOTTI, MOACIR. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.** São Paulo, 2012.

MACIEL, Karen de Fátima. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular.** Rio de Janeiro, 2011.

MATA, Cristina. **Comunicación y ciudadanía: problemas teóricos-políticos de su articulación.** Revista Fronteiras, v.8, n.1, Jan./abril 2006.

MORAN, José Manuel. **Os Meios de Comunicação na Escola.** São Paulo, 1993

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados: reelaborações no setor.** 2008. Disponível em: <http://palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/1503/1744>. Acesso em 15 de abril de 2016.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **O rádio educativo e a cibercultur@ nos processos de mobilização comunitária.** Porto Alegre, 2011.

SOARES, Donizete. **Educomunicação: o que é isto.** São Paulo, 2006.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: um campo de mediações.** Comunicação e Educação. São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.